[Recensão a] PAUL-HORN, INA (2015). Aktualität der Metapher: das Meer, die Metapher und die Sprache

Autor(es): Ferrer, Diogo

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/39180>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/0870-4112_3-2_13

Accessed : 26-Apr-2023 03:13:51

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

BIBLOS

Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2
MAR

NÚMERO 2, 2016
3.^a SÉRIE

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

PAUL-HORN, INA (2015).

Aktualität der Metapher: das Meer, die Metapher und die Sprache.

Frankfurt am Main: Peter Lang. 249 p.

Atualidade da metáfora: O mar, a metáfora e a linguagem, de Ina Paul-Horn, é um recentíssimo contributo para o estudo filosófico do mar. Embora se apresente como um estudo com uma unidade temática e teórica, nomeadamente em torno do “significado da metaforologia para a filosofia”, com a intenção de “dar um contributo para a reflexão e o esclarecimento da metáfora” (p. 13), trata-se de uma reelaboração de diversos estudos da autora sobre alguns temas mais ou menos diretamente ligados à questão da metáfora em geral, e da metáfora do mar em particular. A obra começa com uma introdução sobre a metáfora do mar, seguida de três partes. A primeira parte trata da linguagem, consistindo essencialmente de dois estudos sobre o *Crátilo* de Platão e sobre a teoria do símbolo de Susanne K. Langer. A segunda parte trata do projeto de uma metaforologia de Hans Blumenberg. A terceira parte dedica-se, por fim, ao estudo filosófico da metáfora do mar, destacando-se breves capítulos sobre o mar em Kant, Hegel, Nietzsche, Simmel, concluindo com Elias Canetti e os mitos de Narciso segundo Ovídio e da Pequena Sereia de Andersen.

A parte mais aprofundada e o núcleo teórico da obra é o seu estudo da metaforologia Blumenberg, que é dividida em três fases. Estas fases correspondem a três textos do autor sobre a questão, nomeadamente *Paradigmen zu einer Metaphorologie* (*Paradigmas para uma metaforologia*) (1960), “Ausblick auf eine Theorie der Unbegreiflichkeit” (“Panorama de uma teoria da inconceitualidade”), publicado em *Schiffbruch mit Zuschauer* (*Naufrágio com espetadores*) (1979) e “Anthropologische Annäherungen an die Aktualität der Rhetorik” (“Aproximações antropológicas à atualidade da retórica”), publica-

do em *Wirklichkeiten in denen wir Leben* (*Realidades em que vivemos*) (1981). Encontramos aqui o desenvolvimento da teoria da metáfora absoluta como metáfora não traduzível em conceito e orientação fundamental, pré-conceitual, da consciência humana, em direção à reflexão sobre a importância do “inconceitual” para a ligação do conceito ao “mundo da vida” (p. 114) e, finalmente, a reflexão sobre a retórica como lugar do exercício metafórico. A retórica, segundo Blumenberg, vem suprir a incapacidade da metafísica de dizer algo de relevante sobre o homem, é “uma teoria do homem fora da idealidade, do homem abandonado pela evidência” (p. 137) e, assim, o meio para a criação “de instituições lá onde faltam as evidências” (p. 140). A retórica é a ação linguística que substitui a ação física no espaço intersubjetivo, constituindo uma racionalidade sustentada sobre um “princípio de razão insuficiente” (pp. 151 ss.) que permite navegar entre os escolhos da impossibilidade de uma orientação científica e de um decisionismo irracional. Este caminho é análogo à moral provisória de Descartes que, sem qualquer outra orientação segura, lhe permite no entanto sair da floresta. A metáfora, como o “elemento significante da retórica” (p. 159), é o correlato de um homem que se descobre como não possuindo uma essência definida e que tem, em consequência, de fazer o seu caminho sem um guia que o conhecimento dessa essência lhe pudesse fornecer. Segundo a autora, citando Blumenberg, a metáfora é, finalmente, “mais do que um substituto para um conceito em falta ou, em princípio, possível. É um ‘elemento projetivo’, ‘que tanto expande quanto ocupa o espaço vazio’.” (p. 161)

De modo mais sumário, o livro recupera o *Crátilo* de Platão, especialmente nas suas definições linguísticas da fluidez e do estancamento da fluidez oceânica das diferenças pela imposição do nome e do conceito, segundo uma metáfora fundamental que vai marcar muito das concepções filosóficas da linguagem desde então. O capítulo sobre Susanne K. Langer mostra como esta filósofa, oriunda de uma formação empirista e lógica, sublinha no entanto o facto de que os dados empíricos são “em primeira linha símbolos”, construídos por um processo de ideação que se traduz numa função essencialmente “formadora e abstrativa” (p. 55) e não comunicativa da linguagem. Estes “significam sempre mais do que referem” (p. 58), e a sua origem deve ser buscada em “conceptual models” de tipo metafórico.

No que mais especificamente se refere ao estudo da metáfora do mar Paul-Horn exhibe, nos diferentes autores estudados, em primeiro lugar, a definição do mar a partir da sua profundidade como expressão da “ausência de fundo da nossa existência” (p. 167). Em Kant, o oceano é o lugar da ilusão e, por isso, a navegação do entendimento é feita sempre à vista da costa, da terra firme. Pelo contrário, em Hegel encontramos já o elogio do mar como expressão da ligação entre os homens, da infinidade, da indústria e da superação do homem que se lança num meio cujo perigo e dureza reside paradoxalmente na sua aparente serenidade e ausência de resistência. O mar é, para a geofilosofia de Hegel, lugar da história e do espírito que se descobre a si, ou seja, do verdadeiro infinito entendido como “estar em si mesmo no seu outro, ou o processo de, no outro, chegar até si próprio” (p. 177). Como mediador universal, vamos encontrar ainda o mar enquanto representante do dinheiro em Simmel, o sem forma que tudo igualiza, a fluidez e a liquidez essencial ao tráfico capitalista, “assustador destruidor das formas” (p. 212). Mas também o super-homem de Nietzsche é expresso como “um mar”. Neste contexto, a autora propõe um “olhar pós-metafísico sobre o mar”, olhar que “implica que não podemos alijar, mas temos nós próprios de assumir a responsabilidade pelo ilimitado e pelos limites” (p. 205). O mar é também, por fim, o lugar das transformações e do devir, como Proteu, capaz de assumir todas as formas. É metáfora do nascimento, e também do ‘eu’ que se transpõe para o outro, numa superfície de projeção que é a chave do encontro erótico. Ele é o “símbolo fascinante do inconsciente, do seu poder tentador e insondável” (p. 18).

Além do tratamento algo sumário de alguns dos temas e de alguma ausência de verdadeira problematização filosófica, e apesar do esforço de unidade temática, o livro deixa transparecer que se trata de uma recolha de textos cuja articulação num todo nem sempre é bem conseguida. No entanto, a originalidade do tema, e a correção com que a generalidade dos tópicos são tratados fazem desta *Atualidade da metáfora: O mar, a metáfora e a linguagem* de Ina Paul-Horn um trabalho de indiscutível interesse filosófico.

DIOGO FERRER

dferrer@fl.uc.pt

Faculdade de Letras e Colégio das Artes da Universidade de Coimbra